

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

A DIALÉTICA CIVILIZATÓRIA: DESEJO E MAL-ESTAR NA CULTURA

Marcelo Guilherme Ferreira Alves

Introdução

O presente trabalho propõe-se a examinar a intrincada relação entre desejo, repressão e civilização, articulando três perspectivas teóricas fundamentais: a dialética hegeliana reinterpretada por Slavoj Žižek, a crítica da repressão civilizatória de Herbert Marcuse e as reflexões seminais de Sigmund Freud sobre o mal-estar na cultura. Esta investigação visa não apenas a uma justaposição de ideias, mas a uma síntese dialética que permita uma compreensão mais profunda e nuançada das contradições inerentes ao processo civilizatório e das possibilidades de emancipação que emergem dessas mesmas contradições. A complexidade do tema exige uma abordagem metapsicológica que transcenda as fronteiras tradicionais da psicanálise, engajando-se criticamente com a filosofia contemporânea e a teoria social. Assim, propomos uma leitura que coloque em diálogo produtivo as diferentes perspectivas, iluminando os pontos cegos de cada abordagem e abrindo novos horizontes para a compreensão da relação entre subjetividade e cultura no contexto da modernidade tardia. Este trabalho se justifica pela necessidade premente de repensar os fundamentos da crítica social e da prática psicanalítica em um mundo cada vez mais complexo e interconectado, onde as fronteiras entre o individual e o coletivo, o psíquico e o social, tornam-se cada vez mais porosas e indistintas.

A dialética do desejo

A dialética do desejo na perspectiva žižekiana oferece um ponto de partida fecundo para nossa investigação. Žižek, em sua releitura provocativa da dialética hegeliana, propõe uma concepção do desejo que desafia frontalmente a noção tradicional de um impulso natural subseqüentemente reprimido pela cultura. Para o filósofo esloveno, o desejo não é uma entidade pré-existente que sofre repressão pela civilização, mas é constituído através dessa mesma repressão. Essa inversão dialética tem implicações profundas para nossa compreensão do mal-estar na cultura. O desejo, nessa perspectiva, não é uma força primordial que precede a cultura, mas um efeito da

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

própria estruturação simbólica. Žižek elabora essa ideia através do conceito lacaniano de "objeto a", compreendido como o excedente de gozo que resiste à simbolização, mas que é, paradoxalmente, gerado pela própria simbolização. É o resto que cai do processo de simbolização, mas que, ao mesmo tempo, serve como seu suporte fantasmático. Essa concepção do desejo como fundamentalmente mediado e constituído pela ordem simbólica nos convida a repensar o próprio conceito de repressão, não mais como um mecanismo externo que age sobre um desejo pré-existente, mas como o próprio processo constitutivo do desejo.

A perspectiva žižekiana nos permite ver o mal-estar não simplesmente como o resultado de uma repressão externa de impulsos naturais, mas como uma condição estrutural da subjetividade, intimamente ligada à própria natureza do desejo como sempre-já mediado e, portanto, sempre insatisfeito. Essa compreensão do mal-estar como constitutivo, e não meramente contingente, tem implicações significativas para nossa concepção de emancipação. Não se trata mais de imaginar uma liberação total do desejo das amarras da repressão, mas de reconhecer o caráter produtivo e constitutivo dessa própria tensão. A liberdade, nessa perspectiva, não consiste na eliminação do mal-estar, mas em uma reconfiguração de nossa relação com ele, em um reconhecimento de seu caráter inerente e potencialmente transformador.

Essa visão dialética do desejo e do mal-estar encontra ressonâncias e tensões produtivas com a crítica marcuseana da repressão civilizatória. Herbert Marcuse, em sua obra seminal "Eros e Civilização", oferece uma crítica penetrante das formas de controle social que transcendem o necessário para a manutenção da civilização, apontando para mecanismos de dominação que servem a interesses particulares e não ao bem comum. O conceito marcuseano de "mais-repressão" designa essas formas excedentes de repressão, distinguindo-as da repressão básica necessária para a vida em sociedade. Essa distinção é crucial, pois permite a Marcuse vislumbrar a possibilidade de uma civilização não-repressiva, onde Eros seria liberado das amarras da dominação social. No entanto, à luz da dialética žižekiana, somos compelidos a questionar: seria possível uma liberação total de Eros, ou essa própria noção já não estaria inscrita na lógica da repressão?

A resposta de Marcuse a esse dilema é mais nuançada e, ironicamente, dialética do que muitas vezes se reconhece. Ele não propõe um retorno ingênuo a um estado "natural" pré-civilizatório, mas sim uma transformação qualitativa da civilização. A liberdade, para Marcuse, não consiste na ausência de restrições, mas na gratificação

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

das necessidades humanas libertadas da dominação. Isso implica não a eliminação de todas as normas e leis, mas a instituição de normas e leis essencialmente diferentes, que serviriam ao desenvolvimento pleno do ser humano, em vez de à sua repressão. Essa visão de uma civilização transformada ressoa com a dialética žižekiana, na medida em que reconhece a impossibilidade de um "fora" da civilização, mas insiste na possibilidade de sua reconfiguração radical.

A crítica marcuseana da repressão excedente ganha novos contornos quando consideramos as transformações tecnológicas e sociais das últimas décadas. As tecnologias digitais e as redes sociais oferecem novas formas de mediação do desejo, criando o que poderíamos denominar uma "hiper-simbolização" da experiência. Nesse contexto, podemos argumentar que as tecnologias digitais, ao mesmo tempo em que oferecem novas possibilidades de expressão e conexão, também intensificam formas sutis de controle e exploração. O aparato produtivo tende a tornar-se totalitário na medida em que determina não apenas as oscilações, habilidades e atitudes socialmente necessárias, mas também as necessidades e aspirações individuais. A perspectiva žižekiana nos permite ver como essas novas formas de mediação tecnológica não apenas reprimem o desejo, mas o reconfiguram de maneiras fundamentais. O desafio, portanto, não é simplesmente "desconectar-se" ou "libertar-se" da tecnologia, mas desenvolver novas formas de subjetividade e sociabilidade que reconheçam e trabalhem com essa mediação tecnológica de maneira crítica e transformadora.

O diálogo entre Žižek e Marcuse ganha nova profundidade quando confrontado com as reflexões de Freud em "O Mal-Estar na Cultura". A perspectiva freudiana revela-se mais complexa do que uma simples crítica à repressão civilizatória. Para Freud, o mal-estar não é simplesmente o resultado da repressão externa, mas uma condição inerente à própria estrutura psíquica do sujeito. O sentimento de culpa, elemento central do mal-estar freudiano, é compreendido como a expressão do conflito de ambivalência, da luta eterna entre Eros e o instinto de destruição ou morte. Essa concepção do mal-estar como resultado de um conflito interno, e não meramente de uma repressão externa, aproxima-se da dialética žižekiana do desejo. O mal-estar, nessa perspectiva, não é um obstáculo a ser superado, mas o próprio motor da dinâmica psíquica e social.

Freud elabora que o sentimento de culpa nada mais é do que uma variedade topográfica da angústia, coincidindo em suas fases posteriores completamente com o medo do superego. Essa formulação nos convida a repensar o projeto emancipatório não como a eliminação do mal-estar, mas como uma reconfiguração de nossa relação

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

com ele. A questão não é como neutralizar o superego, mas como transformar nossa relação com essa instância psíquica, reconhecendo sua função constitutiva na formação da subjetividade. Essa perspectiva freudiana, quando colocada em diálogo com as visões de Žižek e Marcuse, nos permite vislumbrar uma concepção mais complexa e dialética da relação entre desejo, repressão e civilização.

Tal interlocução permite o vislumbre de uma nova compreensão da dialética entre desejo e civilização. O desejo não é simplesmente reprimido pela civilização, nem pode ser totalmente liberado dela. Em vez disso, o desejo é constituído através de sua própria impossibilidade de satisfação plena, em um movimento dialético que é fundamental para a constituição do sujeito e da cultura. Essa perspectiva nos permite repensar a crítica marcuseana da repressão excedente. A questão não é simplesmente liberar Eros das amarras da dominação social, mas reconhecer como o próprio Eros é constituído através dessas amarras e, a partir disso, imaginar novas formas de organização social que não se baseiem na exploração e na dominação.

Marcuse antecipa essa perspectiva quando argumenta que a racionalidade tecnológica, despojada de suas características exploradoras, poderia ser o padrão e guia no planejamento e no desenvolvimento dos recursos disponíveis para todos. Esta visão ressoa com a concepção žižekiana de que a verdadeira liberdade não consiste em superar ou reprimir a cisão entre desejo e satisfação, mas em aceitar plenamente o antagonismo central como algo que tem um poder produtivo.

Ainda, considerando as provocações fomentadas pela dialética do desejo, a era digital apresenta novos desafios e possibilidades para a compreensão do mal-estar na cultura contemporânea. As tecnologias de informação e comunicação não apenas modificam as formas de interação social, mas também reconfiguram a própria estrutura do desejo e da subjetividade. A proliferação de imagens, a instantaneidade da comunicação e a virtualização das relações interpessoais criam um novo campo de mediação simbólica que exige uma reavaliação dos conceitos psicanalíticos tradicionais.

Nesse contexto, o conceito lacaniano de gozo adquire uma nova relevância. O gozo, compreendido como uma satisfação paradoxal que vai além do princípio do prazer, manifesta-se de formas inéditas no ambiente digital. A compulsão por likes, a exposição constante nas redes sociais e o consumo incessante de informações podem ser entendidos como novas modalidades de gozo que, ao mesmo tempo em que prometem uma satisfação imediata, perpetuam um estado de insatisfação crônica. Essa

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

dinâmica ilustra de maneira vívida a dialética žižekiana do desejo, onde a própria busca pela satisfação gera seu próprio obstáculo.

A crítica marcuseana da repressão excedente também ganha novos contornos nesse cenário. As tecnologias digitais, ao mesmo tempo em que oferecem possibilidades inéditas de expressão e conexão, também se tornam instrumentos sofisticados de controle e vigilância. A coleta massiva de dados pessoais, a modulação algorítmica do comportamento e a criação de bolhas informacionais representam formas de repressão excedente que operam não pela proibição explícita, mas pela modulação sutil dos desejos e comportamentos.

Diante desse contexto, a proposta marcuseana de uma racionalidade tecnológica a serviço da emancipação humana adquire uma nova urgência. Não se trata de rejeitar a tecnologia, mas de reimaginá-la e reapropriá-la de maneira crítica e criativa. Isso implica em desenvolver formas de uso e desenvolvimento tecnológico que não estejam subordinadas à lógica da acumulação capitalista, mas que promovam a autonomia, a criatividade e a solidariedade.

A perspectiva freudiana do mal-estar como condição estrutural da civilização também ganha novas nuances no contexto digital. A promessa de conexão permanente e satisfação imediata oferecida pelas tecnologias digitais pode ser entendida como uma tentativa de negar ou superar o mal-estar constitutivo. No entanto, como Freud nos alertou, tais tentativas estão fadadas ao fracasso e podem, inclusive, intensificar o próprio mal-estar que buscam eliminar. O desafio, portanto, não é eliminar o mal-estar, mas desenvolver formas mais produtivas e criativas de lidar com ele.

A interlocução entre Žižek, Marcuse e Freud nos oferece ferramentas conceituais valiosas para enfrentar esses desafios. A dialética žižekiana nos permite compreender como o desejo é constituído e reconfigurado pelas novas mediações tecnológicas. A crítica marcuseana da repressão excedente nos alerta para as formas sutis de dominação que operam através dessas tecnologias. E a perspectiva freudiana do mal-estar como condição estrutural nos lembra da impossibilidade de uma satisfação plena e da necessidade de desenvolver formas mais maduras de lidar com a falta e a incompletude.

Essa síntese teórica nos convida a repensar as possibilidades de emancipação na era digital. Não se trata de buscar uma liberação total do desejo ou uma eliminação completa do mal-estar, mas de desenvolver formas mais conscientes e criativas de navegar as tensões e contradições inerentes à nossa condição. Isso implica em uma

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

prática política e clínica que não se contente com soluções simplistas ou promessas de satisfação imediata, mas que trabalhe constantemente para desvelar e transformar as estruturas de dominação, tanto externas quanto internalizadas.

Ainda, podemos considerar que mapear tal campo nos convida a repensar os objetivos e métodos do tratamento. Não se trata de prometer uma cura definitiva ou uma harmonia completa, mas atuar no amparo do sujeito que busca desenvolver uma relação mais produtiva e criativa com seu próprio desejo e mal-estar. Isso pode envolver um trabalho de desconstrução das fantasias de completude e satisfação plena, bem como o desenvolvimento de formas mais maduras de lidar com a falta e a incompletude.

No campo da crítica social e da ação política, essa perspectiva nos desafia a imaginar formas de organização social que não se baseiem na repressão excedente ou na promessa ilusória de uma satisfação total. Trata-se de desenvolver instituições e práticas sociais que reconheçam o caráter constitutivo do mal-estar e do antagonismo, mas que busquem canalizá-los de maneira produtiva e emancipatória.

Considerações Finais

A interlocução proposta nos conduz a um terreno paradoxal, onde o próprio conceito de emancipação é posto em xeque. Se o desejo é constituído pela própria ordem simbólica que supostamente o reprime, e se o mal-estar é inerente à condição civilizatória, então qual seria o horizonte possível para uma práxis verdadeiramente transformadora?

Talvez a resposta resida não na busca por uma utopia livre de conflitos, mas na radicalização do próprio antagonismo constitutivo de nossa condição. A emancipação, nessa perspectiva, não consistiria em eliminar o mal-estar, mas em assumi-lo como potência criativa. Trata-se de uma inversão dialética: ao invés de buscar transcender o mal-estar, deveríamos mergulhar mais profundamente nele.

Essa postura implica em uma reconsideração radical do papel da psicanálise e da crítica social. Ao invés de oferecer paliativos ou promessas de harmonia, seu papel seria o de intensificar as contradições, expor as fissuras no tecido social e subjetivo. Pois é precisamente nessas fissuras que reside a possibilidade do novo, contrastando com as formas tradicionais de resistência, que parecem cada vez mais impotentes diante da mentalidade pasteurizada proposta pelo capitalismo tardio, de absorver e neutralizar toda crítica.

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

O desafio que se coloca, portanto, não é o de superar o mal-estar na civilização, mas o de cultivar uma nova sensibilidade capaz de habitar o mal-estar de forma criativa e transformadora. Uma sensibilidade que não recue diante do abismo, mas que encontre nele a vertigem necessária para o salto rumo ao desconhecido, cultivando uma relação mais lúcida e corajosa com o próprio desamparo.

Concluimos, assim, com uma provocação: e se o verdadeiro ato revolucionário, hoje, consistisse não em tentar construir um mundo melhor, mas em aceitar plenamente a precariedade e a incompletude de nossa condição? Não como resignação, mas como ponto de partida para uma práxis radicalmente nova, ainda a ser inventada.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Obras completas* (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras.
- Marcuse, H. (1975). *Eros e civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Žižek, S. (1992). *O sublime objeto da ideologia*. Porto Alegre: Martins Fontes.
- Lacan, J. (1998). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros*. São Paulo: Boitempo.
- Han, B. C. (2017). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.
- Fisher, M. (2009). *Capitalist realism: Is there no alternative?* Zero Books.
- Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.
- Berardi, F. (2019). *Futurability: The age of impotence and the horizon of possibility*. Verso.